

DF - invasão

MORANDO SOB ALTA TENSÃO



INVASORES DE SANTA MARIA QUE ESTÃO PRÓXIMOS A REDE ELÉTRICA CORREM RISCO DE VIDA

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

Dezenas de famílias estão correndo risco de vida em Santa Maria. Elas construíram casas e barracos de madeira embaixo da faixa de segurança de uma linha de alta tensão da Celg (Centrais Elétricas de Goiás). Passam 138 mil volts pela rede que fornece energia a cidades próximas como Luziânia e Valparaíso de Goiás (GO).

O governo não sabe definir quantas famílias vivem no local, conhecido como *invasão da quadra 307*. O subgerente do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (- Siv-Solo), major Esmeraldo Oliveira, informa que a faixa de segurança — com 16 metros de largura — começou a ser ocupada a partir da criação de Santa Maria, há seis anos.

Essa é uma das áreas de ocupação irregular na mira do Siv-Solo, que faz um trabalho em conjunto de fiscalização com as administrações regionais. "Vamos fazer um estudo e saber quantas pessoas moram lá. Depois vamos verificar se é caso de remoção ou erradicação", explica o major.

A Centrais Elétricas de Goiás está tratando do caso há 90 dias. Uma equipe está encarregada de negociar com a Terracap, em Brasília, um terreno para abrigar as famílias invasoras. A Celg se compromete a arcar com os custos da remoção. "Estamos em conversa com a Terracap que viabilizaria uma área e a Celg indenizaria as famílias", informa o diretor de Segurança do Trabalho da Celg, Álvaro Monteiro.

O diretor reconhece a falha na fiscalização, mas alega que não há a possibilidade de manter as faixas de servidão sob vigilância 24 horas por dia. "É um problema sério enfrentado por todas as concessionárias (de energia elétrica) em todo o país. É muito

difícil esse controle", justifica Álvaro Monteiro. Na próxima semana, a equipe da empresa se reúne com integrantes da Terracap para resolver a questão da remoção.

Alheias ao risco de vida, as famílias tocam a vida sem se importar com o perigo que as cercam. "Morava na 208 (uma quadra de Santa Maria), mas a nossa renda não estava dando mais para pagar aluguel", justifica Luciene Cosmo Moreno, 21 anos, hoje, desempregada. O marido, Wesley, 25, é engraxate no Plano Piloto e ganha, em média, R\$ 60 por mês para sustentar a mulher e dois filhos pequenos — de um e três anos.

SEM LUGAR PARA IR

Luciene e o marido estão na invasão há apenas dois meses e vivem em precárias condições. O pequeno barraco — de um vã — é dividido com os dois filhos. A família consegue água com vizinhos que moram no local há mais tempo. E a pouca comida é doada por um salão comunitário na cidade. "Sabemos que é perigoso, mas não temos para onde ir", lamenta.

"O pessoal diz que dá problema de radiação", comenta a desempregada Joceni Cosmo Nascimento, 29 anos, na invasão há seis anos. Ela comenta que os dois filhos sempre têm febre e dores de cabeça. Os problemas poderiam estar ligados ao fato deles morarem perto da rede de alta tensão. "Há estudos de que a corrente elétrica por indução causaria problemas à saúde, como o câncer. Mas são só estudos", informa o diretor da Celg, Álvaro Monteiro.

Joveni é um dos moradores que tem a casa embaixo dos fios de alta tensão. Ela afirma que pagou pela casa (de alvenaria) para uma vendedora, que sumiu logo depois. "Ele prometeu os documentos e até hoje não os recebi. O cara sumiu", conta. Só, então, garante ela, descobriu tratar-se de um golpe.

"Se tiver de sair? Saio. Mas para onde vou se não tenho para onde ir?", responde ela, ao ser questionada sobre uma futura remoção da invasão. Joveni afirma que há espaço de sobra para as famílias nas quadras 400 de Santa Maria. Álvaro Monteiro, da Celg, diz que ainda não há previsão de quando nem para onde irão as famílias.

Paulo Araújo



A invasão surgiu com a criação de Santa Maria, há seis anos: não há previsão para retirada das famílias